

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SHIRLEY A PAGLIATTO LONGHINI

A EDUCAÇÃO INFANTIL EM PAUTA

CAMPINAS

2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SHIRLEY A PAGLIATTO LONGHINI

A EDUCAÇÃO INFANTIL EM PAUTA

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2005

© by, Shirley Aparecida Pagliatto Longhini, 2005.

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Longhini, Shirley Aparecida Pagliatto.

L861m Memorial de Formação : a educação infantil em pauta / Shirley Aparecida Pagliatto Longhini. – Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1. Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida. 4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-215-BFE

DEDICO AO MEU MARIDO, FLÁVIO
E AOS MEUS FILHOS
GIOVANNI E MATHEUS.
PELO APOIO DURANTE A CAMINHADA.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

CONVERSAS E CONTROVÉRSIAS.....	01
REINVENTANDO A ALFABETIZAÇÃO.....	02
É TEMPO DE BRINCAR.....	05
CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	09
Planejamento anual segundo as datas comemorativas.....	11
Temas Geradores.....	12
Planejamento dos conteúdos por áreas de conhecimentos.....	13
Projetos de trabalho.....	14
AVALIAÇÃO: CULPADO OU INOCENTE?.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
NOTAS DE FIM E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25

APRESENTAÇÃO

Esse trabalho se fez como um pré-requisito para a conclusão deste curso de Pedagogia.

A primeira sensação que tive foi de impotência, vi a página aberta como um abismo diante de mim.

Era preciso se lançar, arriscar, mas o que fazer? Por onde começar?

As dúvidas são muitas e as ambições também. Idéias vão e vêm a todo tempo, mas como não as guardamos num “depósito”, muitas passam ou se perdem.

Enfim, chegou o momento de começar, era preciso, não podia mais adiar.

Aos poucos, ele foi tomando forma, determinando limites e montando uma seqüência.

Espero ser bem clara em tudo que tive a intenção de discutir, mas deixo explícito que os temas aqui desenvolvidos, não podem se dar por encerrado, ao contrário, sempre devem ser motivos de estranhamentos.

- **ALFABETIZAÇÃO:** uma fonte inesgotável de discussão, quanto mais se fala, mais é preciso procurar, pesquisar. Minhas breves linhas também vêm de encontro com a necessidade de novas posturas, quebra de paradigmas.

- **BRINCAR:** tenho comigo uma frase muito importante, que sempre uso em Reuniões de pais:

“ É possível alfabetizar uma pessoa até os 90 anos, mas o tempo de brincar é só na infância.” (autor desconhecido).

Espero ter deixado bem claro o quanto isso é importante para a infância.

- **CURRÍCULO:** se falar sobre currículo é difícil, nem dá para dimensionar a complexidade que é fazê-lo. Não há como encontrar pronto, é preciso pôr a mão na massa e a cabeça para trabalhar. As considerações que fiz mostram o que quanto ainda por aprender.
- **AVALIAÇÃO:** a discussão é sobre não haver uma “fórmula pronta”, e a necessidade do professor de buscar a melhor maneira de avaliar seus alunos.

As intenções eram boas, espero que os objetivos propostos tenham sido atingidos.

A autora

Conversas e controvérsias

“ a formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.” (artigo 62) Lei nº 9.394/96 – Lei de diretrizes e bases da Educação Nacional(LDB)

Essa questão gerou controvérsias e levou muitas pessoas a pensarem que, após dez anos da promulgação da Lei, o acesso e a permanência em funções docentes passariam a ser prerrogativas exclusivas de professores com formação em nível superior.

Nas disposições transitórias da mesma Lei, está determinado, no § 4º do artigo 87, que “até o fim da década da Educação, somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados em serviço.”

Com base nesse artigo, começa na Região Metropolitana de Campinas, a movimentação dos professores efetivos em exercício, que não possuíam graduação, para a inscrição no vestibular da UNICAMP, no curso de Pedagogia - PROESF (Programa Especial de Formação de Professores em Exercício).

Segundo as orientações que chegaram à Unidade Escolar que trabalho, eu também teria que fazer esse curso, pois a Lei era “clara” e pedia formação em Pedagogia, mesmo já sendo formada em nível superior.

Prestei o vestibular e fui aprovada na primeira turma do Proesf, e a partir daí começou uma nova fase em minha vida. Uma fase de descobertas, de invenções e reinvenções, de encantos e desencantos, alegrias e decepções....

“A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda,
e como recorda para contá-la.”

Gabriel Garcia Márquez

Reinventando a Alfabetização

Entendemos a Educação Infantil como um tempo de formação, de crescimento e não apenas como um período preparatório para o Ensino Fundamental. Nessa linha o trabalho com a faixa etária de zero a seis anos, envolve ações de cuidados e de educação, onde é preciso reorganizar o espaço, os materiais e mesmo o tempo buscando criar um ambiente acolhedor e aconchegante mas, promotor da aprendizagem.

Analisando tudo isso, nos vêm a grande dúvida: deve-se ou não alfabetizar na pré – escola?

Segundo os pais, deve-se sim, a pré-escola para eles ainda é o período de preparação para a primeira série. Todo ano fazemos na Unidade que trabalho uma enquete sobre a expectativa dos pais para com a escola, e na maioria das respostas a que se sobressai é a de que a pré-escola deve alfabetizar, ou então preparar para a alfabetização.¹

E os pais esperam e cobram, durante o ano letivo, por esse trabalho com a “escrita”: letras do alfabeto, traçado manuscrito, sílabas, palavras, associações fonéticas, e outras.

Mais do que contribuir para o 1º Grau, a pré-escola deve ser também um espaço, onde a criança possa desenvolver as suas potencialidades, criando o seu próprio caminho.

Com isso, o papel do professor torna-se bem mais complexo, pois ele deverá lidar com a ansiedade dos pais sem causar nenhum prejuízo para as crianças: “nem oito nem oitenta”. . Envolvendo-os numa re-construção da escrita, permitindo - lhes que percebam e reflitam sobre a função social desta, entendendo a alfabetização como um processo social e histórico.

Ao professor cabe, ainda, o papel de mediador, com a importante missão de provocar em seus alunos uma reflexão a partir das situações que se apresentam no cotidiano estabelecendo uma relação de confiança, centrada no respeito pelo que a criança *sabe* e *é*.

Nessa relação o aluno é reconhecido como capaz e inteligente, participante do diálogo (relação horizontal)², trazendo seu conhecimento de mundo para a troca, onde será sujeito atuante no processo de construção, permitindo que haja acréscimo ou aquisição de conhecimento.

A criança vive numa sociedade letrada, e a aquisição da língua escrita é inevitável, é ela que reinventa o processo e descobre como se lêem ou se escrevem palavras que ainda não foram “treinadas” na sala de aula.

Já falamos sobre todos os “atores” da escola mas parece que não respondemos à questão que nos propusemos resolver.

Entretanto, se analisarmos os papéis de cada um perceberemos que a questão já está respondida: não iremos “ensinar” a alfabetização mas “causá-la” dentro de um contexto social bem trabalhado. Sem precisar dispor de recursos pré elaborados , como a cartilha ou pequenos textos, onde o aluno só precisa “digerir” os conteúdos didáticos ali definidos.

Faço minhas as palavras da FARIA (1989), que ao se referir ao livro didático coloca: “ o livro didático é pouco criativo. Foram encontradas estórias

repetidas de uma editora para outra e até de uma série para outra na mesma editora (...).³

E continua dizendo que: “ o livro didático poderia ser diferente, mas exigiria um professor diferente: assim como esse professor diferente saberia fazer bom uso até mesmo do livro didático aqui analisado.”

Parece fácil, mas não é!

A maneira como o professor trabalha e lida com a complexidade da sala de aula depende de como ele interpreta os acontecimentos. Essa interpretação é carregada de valores: sua história, formação, experiência e acesso que teve aos conhecimentos produzidos historicamente, num determinado espaço e tempo.

De acordo com sua visão, o professor formula objetivos e estabelece um “ideal” para sua prática pedagógica. Porém, ao chegar na sala de aula, o “ideal” esbarra no “real”, estabelecendo uma nova dinâmica, onde os acontecimentos passam a ter uma lógica própria, com a inserção da ação do professor.

É uma relação que permite ao professor sua constituição como articulador da teoria e da prática, no “confronto” daquilo que ele sabe com o que planejou e com aquilo que ele faz na sua interação com as crianças.

O professor da pré-escola não deve nem forçar, nem impedir que o aluno se alfabetize. Deve dar condições para que ele aprenda, construa o seu conhecimento, desenvolva suas potencialidades.

Concluindo, não há como responder apenas a questão da alfabetização, sem que se faça uma contextualização de todo o processo que se desenvolve na sala de aula e, principalmente, das posturas de cada um dos envolvidos.

Não há uma fórmula pronta para o trabalho com a Língua Escrita, tudo nessa relação histórica- social também é fruto da construção que se dá no dia-a-dia. E todos os recursos que ora podem ser condenados, podem virar bons aliados nas mãos dos verdadeiros profissionais comprometidos com o trabalho na sala de aula.

É tempo de brincar....

O brincar é algo tão espontâneo, tão natural, tão próprio da criança, que não haveria como entender sua vida sem brinquedo.

Entender seu significado é um caminho muito útil, senão mesmo necessário, para conhecer a própria criança e seu processo de desenvolvimento.

O interesse pelo estudo do brinquedo também é muito antigo e já foi objeto de estudo de filósofos, psicólogos, psicanalistas, teólogos, antropólogos, médicos, terapeutas, educadores e pais, nos mais diversos campos das Ciências e das práticas sociais.

Do ponto de vista psicológico, VYGOTSKY (1991)⁴ atribui ao brinquedo um papel importante, o de preencher uma atividade básica da criança, é um motivo para a ação.

Para VYGOTSKY (1991), a imaginação é um processo novo para a criança, pois constitui uma característica típica da atividade humana consciente. É certo porém, que a imaginação surge da ação, e é a primeira manifestação da emancipação da criança em relação às restrições situacionais.

A impossibilidade de realização imediata dos desejos cria uma tensão, e a criança se envolve com o imaginário, onde seus desejos podem ser realizados. É o mundo dos brinquedos.

Segundo PIAGET (1995)⁵, quando a criança é capaz de representar um objeto na sua ausência, significa que há uma evocação simbólica de realidades ausentes:

- Ligação entre imagem (significante) e conceito (significado), capaz de originar o jogo simbólico, também chamado de faz-de-conta.

No jogo, o jogador enfrenta desafios, testa limites, formula hipóteses e soluciona problemas além de ter que seguir regras estabelecidas.

A atividade lúdica na sala de aula apresenta-se como uma alternativa para repensar as relações de ensino-aprendizagem com os conteúdos escolares, onde o aprender pelo brincar inclui lidar com os limites que são testados, ultrapassados e exigidos.

O aluno que joga desenvolve a iniciativa, a memória, a imaginação, a curiosidade. Cultiva o senso de responsabilidade, enfim, aprende a viver numa ordem social e num mundo culturalmente simbólico.

Ao professor cabe a tarefa de garantir o tempo e o espaço para o brincar, a relação de atividades (intencionalidade), além da adequação cognitiva, social e motora.

Mesmo com todo esse cuidado o professor ainda comete alguns erros que podem favorecer a alguns jogadores e não a todos. Daí a necessidade de sua constante presença durante o processo.

Segundo BROUGÉRE (1994)⁶ :

“ a iniciativa lúdica da criança deve corresponder, em outros momentos a iniciativa educativa do adulto.”

É a intervenção com respeito, não sendo um desmancha-prazeres.

Entretanto precisamos tomar alguns cuidados para não super valorizar a função pedagógica do jogo.

O jogo não tem poderes mágicos!

Ajuda na aprendizagem, mas não faz tudo por si só, é preciso intervenção na hora certa e também não esquecer que, às vezes, as crianças brincam por brincar, sem nenhuma *obrigação* de aprender.

A criança sempre brinca e esse ato está inserido num contexto histórico-social, independente da época, classe social, etnia ou outros fatores.

Durante o curso, o papel do jogo e das brincadeiras na sala de aula, foram bem reforçados, principalmente nas aulas de Teoria e Produção Pedagógica.

Cada conteúdo trabalhado, precisava ser representado de forma prática sempre com atividades lúdicas de acordo com as faixas etárias trabalhadas (preocupação cognitiva).

A troca foi riquíssima, com muitas sugestões que agora passaram a fazer parte da bagagem do meu trabalho diário na sala de aula.

Exemplo disso, foi um material que construí nas aulas de Matemática, cujo objetivo era trabalhar a construção e compreensão do número com o ábaco na Educação Infantil. Utilizando sucata, caixa de ovos e palitos de

churrasco, montei um “acampamento”, e com uma estória as crianças brincavam percebendo a construção da Unidade/Dezena.

Material do jogo: *Acampamento*

Com a caixa de ovos, montei os chalés (casa pequena), que possuía uma letra na porta para identificação, D/U, e um palito de churrasco. Nesse palito eram colocados os círculos de EVA de acordo com os números sorteados no dado pelo grupo (4 crianças na mesinha).

Uma criança jogava o dado, outra pegava os círculos (pessoas) e a outra (escolhida por eles) preenchia o relatório do acampamento, que tinha o objetivo da percepção bi-unívoca.

Problematização (Estória) : Estamos num acampamento. Nesse lugar, há várias casinhas (chalés) para as pessoas se hospedarem e dormir. Cada turma da mesinha ficará responsável por um chalé.

Começarão a chegar os ônibus que estarão trazendo as pessoas, e quando elas descerem serão sorteadas para irem aos chalés. Joga-se o dado, e em seguida, anota-se na folha de controle para saber quantas pessoas eles terão para “cuidar”.

Depois é só acomodá-los nos chalés, de acordo com a explicação dada:

- Chalé U - tem 9 camas, só acomoda 9 crianças.
- Chalé D - tem 1 cama enorme que acomoda 10 crianças. Nesse dormitório tem 10 camas enormes.

A criança vai jogando e toda vez que “preencher” o dormitório U, precisa entender que todas as pessoas irão para a cama grande -- 1 para representar 10.

Na minha sala de aula, esse jogo fez muito sucesso, que até precisei melhorar a resistência do material utilizado (sucata).

Um material interessante, criado após um desafio, que me ajuda na sala e é muito elogiado quando o apresento nas trocas com outras professoras.

Foi uma sensação muito gratificante, a de conseguir vencer um obstáculo com o qual sentia muita dificuldade de trabalhar e ver as crianças brincarem com tanta alegria e envolvimento.

Outra atividade que também montei a partir das aulas de Teoria e Produção Pedagógica foi o Projeto Fofinho, trabalhando com a identidade.

A partir de uma estória: Fofinho da Editora Ática, fui montando e elaborando diversas atividades e brincadeiras que trabalhavam um paralelo entre o pintinho da estória e os seres humanos delineando com eles a sua identidade, respeitando as individualidades.

Foram muitos momentos de produção// construção, sempre embasados pelo trabalho científico: o *entender do porquê fazer*.

São conhecimentos que exigem a quebra dos paradigmas que há muito tempo nos acompanham, um novo olhar para velhas situações.

Acredito que, é através da atividade lúdica que a criança vai construindo seu conhecimento de mundo e se preparando para a vida, adaptando-se e aprendendo a conviver como um ser social.

CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL ?

Falar sobre currículo na Educação Infantil não vai ser fácil, mas pretendo de uma maneira sucinta passar o “olhar” sobre seu conceito e observar como está sendo tratado. Uma visão que nos permita perceber sua elaboração em alguns países, como a Itália, por exemplo:

Para falar do conceito de currículo quero citar COLL ⁷

“ (...) entendemos o currículo como o projeto que preside as atividades educativas escolares, define suas intenções e proporciona guias de ação adequadas e úteis para os professores, que são diretamente responsáveis pela sua execução. Para isto, o currículo proporciona informações concretas sobre o que ensinar, quando ensinar, como ensinar e quando ensinar, como e o que avaliar.(...)”

Segundo esta definição, currículo é o projeto que norteia as atividades escolares. Por isso, pensar em currículo é pensar sobre o que ensinar para as crianças, e isso é bom, porque mostra que existe a preocupação do *ensinar* para a faixa etária de zero a seis anos.

Para falar sobre **C**urrículo

Na Ed**U**cação Infantil,

é p**R**eciso:

Repensar

os objet**I**vos da

práti**C**a educativa

de cada **U**nidade Escolar,

embasando a meto**D**ologia

e o planejament**O** do professor, sem no entanto,

esquecer que o primordial nessa relação é o aluno.

Na Educação Infantil, currículo é visto através das atividades planejadas e oferecidas às crianças. Por isso, faz-se necessário que se analise as formas de planejamento que existem nessa área.

- *Planejamento anual segundo as datas comemorativas:*

As atividades constituem-se em relação às várias comemorações que ocorrem no calendário durante o ano, como por exemplo Carnaval, Páscoa, Dia das Mães, e outras.

O conhecimento assim fragmentado torna-se repetitivo, porque todo ano se comemoram as mesmas datas e, geralmente as informações são simplificadas para que as crianças possam memorizá-las.

Essa estereotipia das datas praticamente se atropelam e o tempo torna-se curto para que o assunto seja realmente aprofundado e compreendido.

Há contrapontos a esse tipo de planejamento, porém se houver uma contextualização dessas datas e os temas realmente forem trabalhados pela turma, sua utilização pode ser de grande valia ao trabalho escolar.

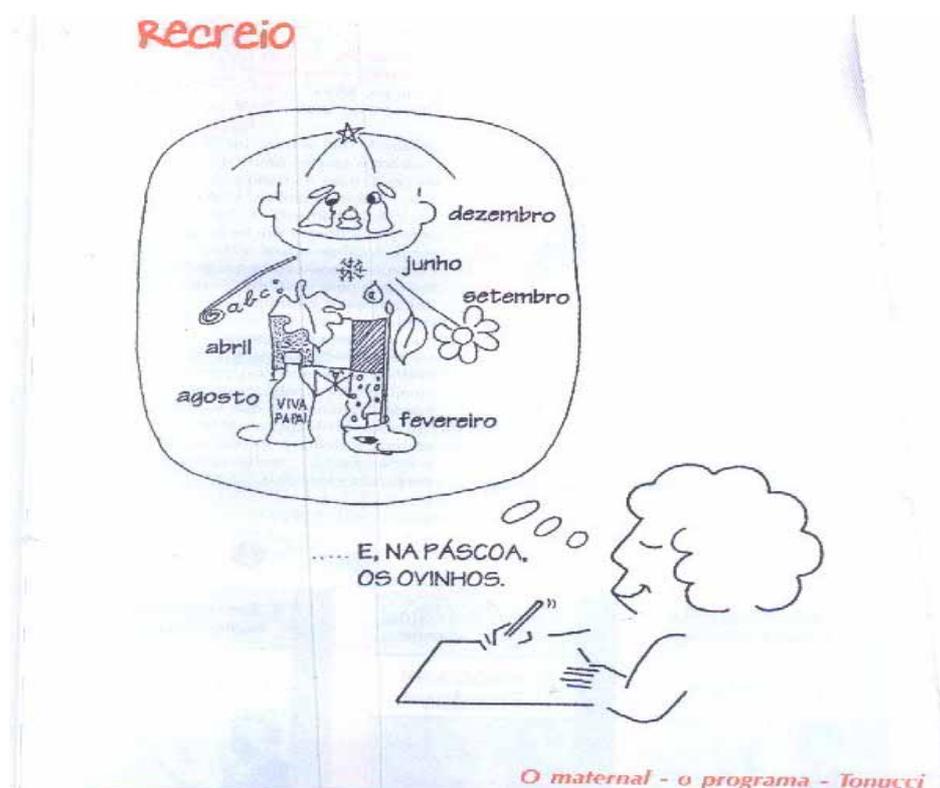


Figura publicada na Revista Pátio de Educação Infantil.⁸

- **TEMAS GERADORES**

Geralmente são temas escolhidos pelo professor, para o trabalho em classe, e espera-se que a criança amplie seus conhecimentos, reproduzindo o que aprendeu .

Para a escolha, o critério usado geralmente é o de que são temas “interessantes”, como dinossauros, animais ou outros e a forma de

apresentação seria de acordo com os critérios do professor para que seus objetivos fossem alcançados .

O aluno não determina a direção do conhecimento, apenas caminha de acordo com o limiar do professor.

- *Planejamento dos conteúdos por áreas de conhecimentos:*

Se a discussão será sobre as áreas de conhecimentos – Formação pessoal e social ; Conhecimento de mundo; Linguagem oral e escrita; Conhecimento lógico matemático e Natureza e Sociedade, o material de análise será o “Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil”,⁹ um modelo de trabalho que divide a Educação Infantil em “disciplinas” assemelhando ao Ensino Fundamental.

Faço aqui um parêntese, para falar sobre a Educação Infantil em Campinas, onde trabalho há 21 anos com pré-escola.

Em 1997, tínhamos um documento que foi objeto de estudo utilizado por toda rede municipal – Currículo em Construção.¹⁰ Esse documento vinha delinear parâmetros para o currículo da Educação Infantil, apontando uma nova forma de planejamento, a que está sendo comentada agora, tendo até um quadro que mostra ao professor as áreas citadas. (ver p.43 do referido documento).

Ao trabalhar com essas áreas, o planejamento teria outra estrutura de escrita, apontando os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais (avaliação), lembrando da necessidade de coesão entre eles para o desenvolvimento global das crianças.

Esse material era “obrigatório”, cada professor deveria ter o seu, pois ele seria o instrumento que ajudaria na definição da linha norteadora de atuação pedagógica da Secretaria Municipal de Educação. Sendo esta, identificada como interacionista, que considera a criança construtora de seu conhecimento e o professor, mediador de todo processo educacional. (Currículo em Construção p.24).

O documento, faz em seguida, uma análise da linha interacionista e vai discorrendo sobre outros títulos dentro da Educação Infantil.

Ao tratar do planejamento, faz mesmo a divisão por disciplinas/competências que citei na análise sobre esse tipo de metodologia.

Esse documento não possui a data de sua elaboração, mas lembro-me que o utilizamos por volta do ano de 1997 e qual não foi minha surpresa, quando minha Orientadora Pedagógica, ao nos convocar para a Reunião de Currículo (maio 2005), pediu que o levássemos. Segundo ela, iríamos discutir novamente a questão do currículo.

Coloco aqui minha indignação diante disso, já passou muito tempo, a Unidade Escolar que trabalho, já trabalha com projetos que envolve toda equipe, as crianças e a comunidade.

Como voltar o olhar para o esquema anterior?

Já caminhamos bastante e não se deve voltar atrás.

Espero que o olhar para esse documento, seja o de acrescentar idéias e não o de exigir apenas papéis, relatos ou burocracia.

- *PROJETOS DE TRABALHO*

Há um respeito pelas características de cada classe.

A escola tem um eixo estabelecido no Projeto Pedagógico, mas nem todos trabalham da mesma forma ou ao mesmo tempo o assunto em questão, pois o interesse é determinado pelas próprias crianças.

É uma estratégia flexível, que nasce do contato do professor com as crianças, seu desenvolvimento varia de acordo com o interesse e pode seguir rumos completamente diferentes do inicial.

O professor conduz o processo, avaliando, observando e ouvindo as crianças.

Essa “Pedagogia de Projetos”, é a que possibilita aos *atores da Educação* um papel ativo na construção do planejamento. Nada é determinado previamente e tudo é executado atendendo às necessidades e visando os objetivos propostos.

Tudo o que foi apresentado até aqui, já seria suficiente para uma boa discussão sobre esse tema.

Entretanto quero fazer alguns recortes sobre como está essa discussão na Itália, por exemplo, país que está sendo referência em Educação infantil no momento.

Segundo FARIA (2004)¹¹, as pedagogias que fundamentam as orientações curriculares das práticas italianas são diferentes porque consideram as professoras e as crianças como protagonistas do trabalho pedagógico.

Não há ensino na Educação Infantil Italiana. Nem para a arte, nem para a Ciência, nem para a alfabetização.

Não se ensina, não se prepara para o futuro.

Essas instituições educam e cuidam para que as crianças cresçam sem deixar de ser crianças, as professoras organizam o espaço e o tempo para que as crianças produzam as culturas infantis. (p.18).

Toda essa preocupação com a educação Infantil na Itália não é algo recente, são 150 anos de cuidado, sobretudo no norte, segundo o educador BORGHI (2004)¹²

Para o autor, as bases teóricas de reflexão, foram Montessori, Piaget, Lev Vygotsky e Jerome Bruner, mas a formação e a pesquisa devem ser contínuas pelo educador.

Na entrevista, BORGHI (2004) comenta que o governo italiano não fala de currículo, mas de *orientação*.

Currículo quer dizer sistematização de saberes e experiências e, *orientação* é uma palavra mais prudente e permite maior criatividade.

O elemento central do currículo da escola infantil é o ambiente, em diversos aspectos, fazendo dele uma espécie de laboratório, ao repensar sobre seu inserimento nele.

Para BORGHI, a experiência italiana, pode ser em parte exportada, como reflexão, não como modelo, que é específico de cada região.

Concordo com o autor, que não devemos “importar” modelos, mas refletir e criar, como autoras que somos, o nosso próprio projeto pedagógico, com características bem nacionais.

Minha intenção ao fazer essa colocação sobre a Educação Infantil na Itália, não tem caráter comparativo e nem a intenção de “importar”

modelo, mas a preocupação de mostrar o quanto ainda temos a aprender e, que já estamos no caminho certo ao investir na formação dos envolvidos nesse processo.

A esperança sempre deve existir, é preciso acreditar, como nesta poesia:

Ao contrário, as cem existem.

A criança...
é feita de cem.
A criança tem cem mãos
cem pensamentos
cem modos de pensar
de jogar e de falar.
Cem sempre cem
modos de escutar
de maravilhar e de amar.
Cem alegrias para cantar e compreender.
cem mundos
para descobrir
cem mundos para inventar
cem mundos para sonhar.
A criança tem cem linguagens (e depois cem cem cem)
mas roubaram-lhe noventa e nove.
A escola e a cultura
lhe separam a cabeça do corpo.
Dizem-lhe:
de pensar sem as mãos
de fazer sem a cabeça
de escutar e de não falar de compreender sem alegrias
de amar e de maravilhar-se só na Páscoa e no Natal.
Dizem-lhe:
que o jogo e o trabalho
a realidade e a fantasia
a ciência e a imaginação
o céu e a terra
a razão e o sonho são coisas que não estão juntas.
Dizem-lhe enfim:
que as cem não existem.
A criança diz:
ao contrário as cem existem.

(Loris Malaguzzi)

Se quisesse, poderia dar por encerrado minha intenção de provocar uma reflexão sobre esse tema. Entretanto nas aulas de Currículo e Educação, as discussões provocadas foram tão calorosas que merecem constar nesse relato.

“ O currículo é lugar,
espaço, território.
O currículo é relação de poder.
O currículo é trajetória,
Viagem, percurso.
O currículo é autobiografia
Nossa vida, curriculum vitae: no currículo
Se forja nossa identidade.
O currículo é texto, discurso, documento.
O currículo é documento de identidade.

(Tomás Tadeu da Silva)

No início, as aulas tiveram um caráter histórico, com a preocupação de mostra que o enfoque seria a partir dos precursores, que colocavam o aluno como centro do processo do conhecimento.

Agora o currículo passava a ser visto como um artefato social e histórico, sujeito a mudanças e, com essa nova visão, suas concepções filosóficas estariam vinculados aos contextos sociais, políticos, econômicos e culturais do período ao qual correspondem.

Nessa análise, várias concepções curriculares foram repassadas, dentre elas algumas causaram mais polêmicas durante as exposições nas aulas, E nas horas em que a professora nos questionava para que nos situássemos dentro de uma delas.

Em princípio, achei que me identificava mais com a concepção Humanística, porém concordo com os críticos ao afirmarem que não podemos limitar nossa visão apenas ao ser, é preciso estar sensíveis às necessidades da sociedade, afinal o indivíduo não pode ser visto fora de seu contexto histórico.

Desta forma, concluí que as concepções se inter-relacionam e isso é importante porque se conseguirmos fazer uma mescla de todas e tirar uma que melhor se adapte ao nosso momento, talvez teremos a construção do currículo que melhor responderá às nossas expectativas.

A elaboração de um Currículo não é fácil, demanda discussões de todas as áreas que envolvem o indivíduo, e cada um dos envolvidos nesse processo precisa ter uma visão clara do tipo de escola que pretende, ter uma postura condizente com essa pretensão e, acima de tudo ter bem claro, os valores que deverão ter importância na hora da concepção do processo.

AValiação: Culpado ou inocente?

Quando está a frente da avaliação, o professor assume o papel de um juiz, é ele que dará o veredicto final de uma sentença.

Até quando aceitaremos essa situação?

A avaliação está sendo usada como instrumento de coerção, para punir, reprovar, excluir.

Ao fazer uma opção pela forma de avaliação, a escola toma uma postura ideológica, que pode reforçar a situação que aí está ou para transformá-la.

O processo pode parecer difícil, mas logo tomará outros rumos, quando observarmos os paradigmas que mudaram e a nova direção que o “olhar” assumiu.

Nessa discussão, minha intenção é a de comentar como está a avaliação na Educação Infantil, no entanto, quero antes disso, deixar aqui uma questão sobre uma situação vivida em nossas aulas de Teoria Pedagógica e Produção em Educação Física, quando a professora deu “marquinhas” no nome das alunas que não participavam das aulas.

As atividades desenvolvidas eram, às vezes sugestões de brincadeiras para o trabalho em sala de aula, mas a forma de participação era imposta através de ameaças como a de que a nota seria comprometida se não estivesse realizando as propostas.

Minha indignação e dúvida é: Como uma postura dessa pode estar presente numa Universidade? Onde fica o respeito pelo aluno que tanto se falou durante esse três anos?

Essa resposta talvez nunca chegue mas, vale deixar registrado que mesmo falando em quebra de paradigmas ainda temos atitudes que não condizem com o que nos propomos a realizar.

Voltando ao tema central do trabalho, a Educação Infantil, a avaliação nessa área é realizada de diversas formas, utilizando-se de alguns

instrumentos, como a observação; diário de aula; relatórios; planilhas da turma; auto-avaliação; análise de produção.

Cada professor acha que a sua forma de avaliar é a mais correta e justa para com a criança, porém não há como avaliar e apontar com exatidão a perfeita. Por mais que se faça sempre passam alguns aspectos despercebidos, não detectados.

O professor pode até fazer a “pedagogia da escuta”, que mesmo assim não fará com exatidão a avaliação das crianças.

Então, o que fazer? Como fazer?

São questões que temos muito a discutir e a construir.

O professor tem que ter claro que, essa avaliação deve ser realizada com as crianças e também envolver os pais, pois assim sua apreciação qualitativa dos resultados alcançados lhe dará uma melhor interpretação das metas atingidas.

Olha eu aqui discorrendo outra fórmula de avaliação!

Na verdade mesmo, o professor é quem deve depois de conhecer, a sua turma estabelecer quais serão os instrumentos que melhor lhe auxiliarão em trabalho pedagógico.

São muitas as bibliografias que podem auxiliar nesse sentido, a revista Pátio de Educação Infantil, geralmente tem artigos bem interessantes sobre isso, como por exemplo, o artigo publicado por Maria Carmen Silveira Barbosa¹³.

E nas palavras de FREIRE (1994), também há a proposta da prática do registro como instrumento de apoio à reflexão, tanto da professora quanto do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Meu trabalho, constitui-se num olhar investigativo para enxergar aspectos importante a serem considerados na construção da dinâmica da sala de aula.

O novo nos desafia e amedronta. Ser professora e investigadora não é fácil, muitas vezes os papéis se chocaram e a minha postura foi colocada em cheque mas, as sementes estão lançadas e as inquietações acompanham meu caminhar.

Agora é preciso buscar mais, não posso parar e conviver com essas indagações. A pesquisa ficou por concluir, será imperativo continuar....

Pretendo viver a experiência de ser a professora e a pesquisadora e, a partir de agora, redimensionar meu trabalho, superando limitações e produzindo uma prática pedagógica prazerosa tanto para mim quanto para as crianças.

Construir esse percurso foi muito difícil, mas se faz necessário aprofundar as leituras, buscar outra respostas para essas situações que se revelam na complexidade do ambiente escolar.

Quero continuar essa procura, e a poesia de Pablo Neruda vem ilustrar bem essa sensação de inquietude que tanto nos cercam, encerro meu trabalho com ela, mas no final acrescento mais algumas palavras:

(...) eu diria que é preciso se apaixonar

A poética de Neruda

Morre lentamente quem não viaja, quem não lê, quem não ouve música, quem não encontra graça em si mesmo. Morre lentamente quem destrói o seu amor próprio, quem não se deixa ajudar.

Morre lentamente quem se transforma em escravo do hábito, repetindo todos os dias os mesmos trajetos, quem não muda de marca, não se arisca a vestir uma nova cor ou não conversa com quem conhece.

Morre lentamente quem faz da televisão o seu guru.

Morre lentamente quem evita uma paixão, quem prefere o preto sobre o branco e os pontos sobre os “is” em detrimento de um redemoinho de emoções, justamente as que resgatam o brilho dos olhos, sorrisos dos bocejos, corações aos tropeços e sentimentos.

Morre lentamente quem não vira a mesa quando está infeliz com seu trabalho, seu amor, quem não arisca o certo pelo incerto, para ir atrás de um sonho, quem não se permite pelo menos uma vez na vida fugir dos conselhos sensatos.

Morre lentamente quem passa os dias queixando-se de sua má sorte ou da chuva incessante.

Morre lentamente quem abandona um projeto antes iniciá-lo, não pergunta sobre um assunto que desconhece ou não responde quando lhe indagam sobre algo que sabe.

Evitemos a morte em doses suaves, recordando sempre que estar vivo exige um esforço muito maior do que o simples fato de respirar.

Somente a perseverança fará com que conquistemos um estágio esplêndido de felicidade.

**ESTEJAMOS SEMPRE VIVOS...
VAMOS NOS APROXIMAR!!!!**

Notas de fim e Referências Bibliográficas

¹ Ficha individual do aluno, preenchida no início de cada ano letivo numa entrevista particular com os pais.

² Paulo Freire usa essa expressão ao se referir ao diálogo que deve se estabelecer na sala de aula, in LEITE, Sérgio A. da S. (org.) **Alfabetização e Letramento. Contribuições para as práticas pedagógicas**. Campinas, SP: Komedi: Arte Escrita, 2001.

³ FARIA, Ana L. G. de. **Ideologia no livro Didático**. SP: Cortez: Autores Associados, 1989.

⁴ VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

⁵ PIAGET, J. et al. **Abstração reflexionante**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

⁶ BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura** São Paulo: Cortez, 1994. (Questões da nossa época, 43).

² COLL, César . é um pesquisador espanhol, com relevantes serviços educativos prestados para seu país, principalmente no tocante à formulação e implementação da reforma curricular. No Brasil, trabalhou como consultor do MEC na elaboração dos “Parâmetros Curriculares Nacionais.

⁸ Revista Pátio de Educação Infantil. **Que currículo para a educação infantil?** Ano II N.º 5 Agosto/Novembro.2004

⁹ Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

¹⁰ Currículo em Construção. Coordenadoria de Educação Infantil/ SME. Campinas.

¹¹ FARIA, Ana L. G. de . artigo para a revista Pátio Educação Infantil. **Que currículo para a Educação Infantil?** Ano II n.º 5 Agosto/ Novembro.2004.

¹² BORGHI, B.Q. em entrevista concedida à mesma revista citada acima.

¹³ **Revisa Pátio Educação Infantil**. Ano II N.º 4 Abril/julho. 2004. Artigo citado p.16